

Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português

João Costa

Universidade Nova de Lisboa

Inês Duarte

Universidade de Lisboa

1. Introdução.

Em português europeu, existem as seguintes estratégias de clivagem (Castelheiro 1977, Kato *et alii* 1996, Duarte 2000):

- (1) Clivada-Q:
Foi o bolo o que o João comeu.
- (2) Clivada:
Foi o bolo que o João comeu.
- (3) Pseudo-clivada básica (com foco informacional no DP):
O que o João comeu foi o bolo.
- (4) Pseudo-clivada invertida (com foco informacional na relativa):
O bolo foi o que o João comeu.
- (5) Pseudo-clivada invertida de 'é que':
O bolo é que o João comeu.
- (6) Semi-pseudo-clivada básica:
O João comeu foi o bolo.

Neste artigo, propomos uma análise unificada das seis estratégias de clivagem, defendendo, na esteira de Heycock e Kroch 1999, que as clivadas são estruturas identificacionais com as seguintes propriedades:

- a) A relação de identificação estabelece-se entre dois termos de uma oração pequena;

b) O sujeito da oração pequena é uma oração relativa na qual se estabelece uma relação operador-variável ou é outro tipo de constituinte oracional contendo uma posição vazia legitimada por um operador;

c) O nó funcional I pode ser lexicalizado pelo verbo *ser* (Ambar 1999) ou pela expressão *é que*, resultante de um processo de reanálise.

d) As estruturas subjacentes de *que* deriva cada uma das construções são as apresentadas em (7) e (8):

(7) [IP ser [SC [CP {o que/ OP que} o João comeu] [DP o bolo]]]

(8) [IP {ser/é que} [SC [CP OP o João comeu] [DP o bolo]]]

Constituem argumentos a favor da hipótese de que *é que* é uma expressão reanalisada:

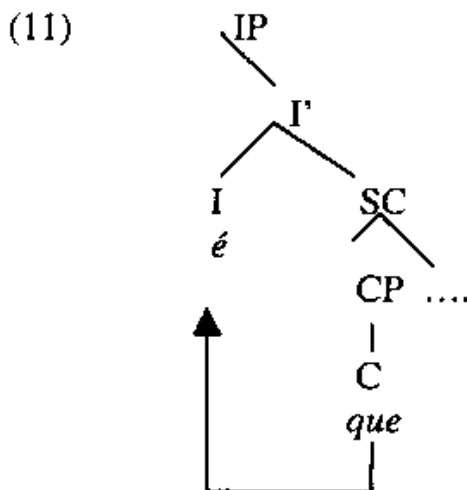
a) a inexistência de marcas de tempo e concordância:

- (9) a. O bolo é que o João comeu.
 b. *O bolo foi que o João comeu.
 c. *Os bolos foram que o João comeu.

b) a adjacência obrigatória entre a forma verbal e *que*:

- (10) a. De facto, o bolo é que o João comeu.
 b. O bolo, de facto, é que o João comeu.
 c. O bolo é que, de facto, o João comeu.
 d. *O bolo é, de facto, que o João comeu.

O processo de reanálise consiste na incorporação do complementador *que* na forma verbal *é*, como indicado em (11):



Esta análise prediz que a expressão *é que* esteja restringida a contextos em que o complementador é nulo, de acordo com as representações em (7) e (8).

2. Diferenças entre PE, PB e outras línguas românicas.

Começamos por uma comparação entre o português europeu e o português do Brasil. De acordo com Modesto (1995), as estratégias de clivagem descritas para o PE também ocorrem em PB. A única diferença a registar entre PE e PB reside no facto de a estrutura pseudo-clivada invertida ocorrer com a forma *que* em vez de *é que*, conforme ilustrado em (12):

- (12) a. O bolo *que* João comeu.
 b. A Maria *que* vai na praia.

Muito provavelmente, não existe uma grande diferença estrutural entre as construções em (12) e a pseudo-clivada invertida de *é que*. Note-se que nas outras construções que envolvem *é que*, não ocorre a forma verbal em PB:

- (13) Interrogativas de *é que* em PE:
 a. Que livro *é que* o Pedro leu?
 b. Como *é que* saiu?
 c. Quem *é que* chegou?

- (14) Interrogativas de *que* em PB:
 a. Que livro *que* Pedro leu?
 b. Como *que* saiu?
 c. Quem *que* chegou?

Assim, é legítimo supor que a forma *que* lexicaliza o núcleo funcional em PE *é que*, sendo apenas o complementador *que* em PB.

As restantes línguas românicas dispõem de menos estratégias de clivagem do que o PE e o PB (Smits 1989, Renzi 1988, Renzi e Salvi 1991, Bosque e Demonte 1999). Em espanhol e francês, não são possíveis semi-pseudo-clivadas básicas e pseudo-clivadas invertidas de *é que*, sendo apenas legítimas pseudo-clivadas básicas e invertidas.

(15) Clivada-Q:

- Foi o bolo o *que* o João comeu.
 Catalão: són elles qui saben aixó/són les taules alló *que* és blanc
 Spanish: fui yo quien compró este abrigo/son coliflores lo *que* ha comprado J.
 French: c'est là où je garde mon argent (pouco frequente com SU,OD,OI)
 Italian: è la stanza 400 dove ha l'ufficio (*com SU,OD,OI)

(16) Cleft:

Foi o bolo que o João comeu.

Catalan:*

Spanish:*

French: c'est toi qu'il veut rencontrer/c'est aux enfants qu'il veut parler

Italian: è Mario che ho visto/sono dei libri nuovi che hanno buttato via

(17) Basic Pseudo-cleft (focus on the DP):

O que o João comeu foi o bolo.

Catalan: qui saben aixó són elles/alló que és blanc són les taules

Spanish: quien compró este abrigo fui yo/lo que ha comprado J. son coliflores

French: celle à qui je pense c'est Clara/ce que tu as oublié ce sont tes clefs

Italian: chi ho visto è Mario/quello che ho trovato è questo libro

(18) Inverted Pseudo-cleft (focus on the relative clause):

O bolo foi o que o João comeu.

Catalan: elles són qui saben aixó/ les taules són alló que és blanc

Spanish: yo fui quien compró este abrigo/coliflores son lo que ha comprado J.

French: Clara est celle à qui je pense/tes clefs sont ce que tu as oublié

Italian: Mario è chi ho visto/questo libro è quello che ho trovato

(19) Inverted 'é que' Pseudo-cleft:

O bolo é que o João comeu.

Catalan:*

Spanish:*

French:*

Italian:*

(20) Basic Semi-pseudo-cleft:

O João comeu foi o bolo.

Catalan:*

Spanish:*

French:*

Italian:*

Sendo *é que* o resultado de um processo de reanálise específico do PE e do PB, é esperado que não existam pseudo-clivadas invertidas de *é que* nas restantes línguas românicas.

3. Análise das estratégias de clivagem em PE.

As estruturas identificacionais envolvem uma oração pequena e permitem a elevação para Spec,IP de qualquer dos seus termos, conforme defendido em Moro (1997) e ilustrado nos exemplos (21)-(23):

- (21) a. O teu amigo é o director do hospital.
 b. O director do hospital é o teu amigo.
- (22) a. Estar morto é o contrário de estar vivo.
 b. O contrário de estar vivo é estar morto.
- (23) a. A festa é na Terça-feira.
 b. Na Terça-feira é a festa.

O constituinte que ocupa Spec,IP nestas construções não é obrigatoriamente um DP, tal como foi defendido entre outros por Hoekstra e Mulder 1990 para outras construções inacusativas (ver também Vallduví 1992 e Barbosa 1998).

- (24) a. Down the hill rolled the car.
 b. There comes a man.

Consequentemente, nestas construções, Spec,IP conta como uma posição A-barra.

Com base nas representações subjacentes apresentadas em (7) e (8), é possível derivar as diferentes construções de clivagem. Assim, se a oração relativa se elevar para Spec,IP, obtém-se uma pseudo-clivada básica com foco informacional no DP, predizendo-se que haja concordância obrigatória entre o DP pós-verbal e o verbo, como acontece nas restantes línguas românicas de sujeito nulo (26).

- (25) a. [_{IP} [_{CP} o que o João comeu]; foi [_{SC} t_i [_{DP} o bolo]]]
 b. [_{IP} [_{CP} o que o João comeu]; foram [_{SC} t_i [_{DP} os bolos]]]

Se for o DP a elevar-se para Spec,IP, obtém-se uma pseudo-clivada invertida com foco informacional na relativa, predizendo-se que haja concordância sujeito-verbo.

- (26) [_{IP} [_{DP} o bolo]; foi [_{SC} [_{CP} o que o João comeu] t_i]]
- (27) a. O bolo foi o que o João comeu.
 b. Os bolos foram o que o João comeu.
 c. *Os bolos foi o que o João comeu.

Note-se que a escolha do elemento que é elevado para Spec,IP parece condicionada por considerações de natureza discursiva, relativas à estrutura informacional: o elemento mais à direita é interpretado como o foco informacional da frase (Costa 1996, 1998):

- (28) A: O que é que aconteceu ao bolo?
 B: a. O João comeu.
 b. O bolo foi o que o João comeu.
- (29) A: O que é que o João comeu?
 B: a. O João comeu o bolo.
 b. O que o João comeu foi o bolo.

Se o DP for movido por *scrambling* para uma posição de adjunção à esquerda da oração pequena, obtêm-se as seguintes configurações, que correspondem à clivada-Q (ver 30) e à clivada (ver 31):¹

- (30) [IP foi [SC [DP o bolo]_i [SC [CP o que o João comeu] t_i]]
 (31) [IP foi [SC [DP o bolo]_i [SC [CP Op que o João comeu] t_i]]

Sabe-se que orações pequenas predicativas não podem ser movidas por *scrambling*. Note-se, contudo, que no caso em análise, não estamos perante uma estrutura predicativa, mas sim perante uma estrutura identificacional.

Dado que *scrambling* está geralmente associado com uma estratégia de desfocalização, espera-se que o elemento clivado não constitua o foco informacional da frase; esta predição é confirmada pelo exemplo (32):

- (32) A: Quem é que o João matou?
 B: a. *Foi a Maria quem o João matou.
 b. *Foi a Maria que o João matou.

Sendo *scrambling*, movimento A-barra, é esperado que se verifiquem efeitos de reconstrução, como a agramaticalidade de ordens VSO e VOS com QPs distributivos atesta:

- (33) *Viu o seu filho cada mãe.(VSO)
 (34) *Viu cada mãe o seu filho.(VOS)

A análise proposta prevê que haja efeitos de reconstrução nas clivadas, como Modesto (1995) referiu:

¹ Para argumentos a favor da existência de *scrambling* em PE, ver Costa (1997, 1998).

- (35) É [de si mesmo]_i que o Pedro_i gosta.
 (36) É do filho da Maria_{i/*j} que ela_{*j} gosta.

Consideremos agora a derivação das pseudo-clivadas invertidas de *é que*. De acordo com a hipótese formulada acima sobre a natureza da expressão *é que*, esta estratégia só pode ocorrer quando está presente um CP com complementador nulo. Sendo o DP elevado para Spec,IP, a estrutura relevante é a apresentada em (37). Assim, é predito que sejam impossíveis clivadas-Q, pseudo-clivadas básicas e invertidas com *é que*.

- (37) [_{IP} [_{DP} o bolo]_i é que [_{sc} [_{CP} Op o João comeu] t_i]]

Prediz-se que não haja concordância, dado que a expressão reanalisada lexicaliza I, o que reforça a conclusão de Ambar (1992) segundo a qual *é que* lexicaliza nós funcionais de natureza oracional.

4. A semi-pseudo-clivada e o objecto nulo.

A primeira observação que se pode fazer relativamente às semi-pseudo-clivadas é a de que elas envolvem obrigatoriamente VPs não-máximos, conforme ilustrado pelos seguintes exemplos:

- (38) O João comeu foi o bolo.(OD)
 (39) O João deu o livro foi à Maria.(OI)
 (40) Ele discursou foi muito bem.(Advérbio de VP)
 (41) O João deu foi o livro à Maria.(VP-shell)
 (42) O João pôs foi o livro na prateleira ontem.(VP-shell com advérbio)

Pelo contrário, sempre que VP máximo ou constituintes superiores estão envolvidos, a estrutura resultante é agramatical, como mostram os exemplos (43)-(45):

- (43) *O João fez foi ler o livro.(VP máximo)
 (44) *Leu o livro foi o João.(sujeito)
 (45) *Ele discursou foi provavelmente.(advérbio de frase)

O contraste entre os exemplos (38-42) e (43-45) sugere que as semi-pseudo-clivadas se relacionam com a construção de objecto nulo, pelo que só estão disponíveis em línguas que admitem esta última.

Constituem argumentos a favor desta análise:

a) As semi-pseudo-clivadas não podem ser derivadas de pseudo-clivadas com apagamento do pronome relativo, contrariamente ao que defendem Casteleiro 1977 e Kato e Raposo 1996:

- (46) a. (*Como) ele discursou foi muito bem.
 b. (*O que) o João deu foi o livro à Maria.
 c. (*O que) o João pôs foi o livro na prateleira ontem.

- (47) a. *(O que) o João fez foi ler o livro.
 b. *(Quem) leu o livro foi o João.

b) Esta construção só é possível com constituintes menores que VP (ver 38-42).

c) A assimetria sujeito-objecto explica-se directamente (ver o contraste entre (38) e (44)).

d) Esta construção não envolve deslocação à direita nem deslocação à esquerda clítica, conforme mostra o contraste entre a) e b) das frases (48). Por outro lado, o contraste entre a) e b) de (49) mostra que a semi-pseudo-clivada é incompatível com qualquer tipo de redobro de clítico.

- (48) a. O João deu o livro foi à Maria.
 b. *O João deu-lhe o livro foi à Maria.

- (49) a. O João viu foi todos nós.
 b. *O João viu-nos foi (a) todos nós.

Esta análise faz uma predição forte: outras línguas de objecto nulo permitirão semi-pseudo-clivadas. Esta predição é confirmada para o chinês.² Com efeito, de acordo com Huang (1982), a estratégia de clivagem é feita com cópula em chinês, conforme ilustrado em (50):

- (50) a. Shi wo mingtian yao mai neiben shu.
 ser eu amanhã querer comprar aquele livro
 'Sou eu quem quer comprar aquele livro amanhã'
 b. Wo shi mingtian yao mai neiben shu.
 eu ser amanhã querer comprar aquele livro
 'É amanhã que eu quero comprar aquele livro'
 c. Wo mingtian shi yao mai neiben shu.
 eu amanhã ser querer comprar aquele livro
 'É querer comprar aquele livro o que eu vou fazer amanhã'.

² M. Kato (c.p.) informou-nos que o mesmo acontece em japonês.

Por seu lado, as estruturas pseudo-clivadas são semelhantes às semi-pseudo-clivadas do PE e do PB (ver (51)):

- (51) a. Wo mingtian yao mai de shi neiben shu. *Huang (1982):*
 eu amanhã querer comprar DE ser este livro
 b. Zhangsān chī de shì bing *Lisa Cheng (p.c.):*
 Zhangsān comer DE ser bolo
 'Zhagsan come é o bolo.'

Esta análise implica considerar que a construção de objecto nulo envolve outros constituintes para além do argumento interno directo, contrariamente ao que foi defendido em Huang (1984) e Raposo (1986). Os argumentos a favor da extensão da construção de objecto nulo a VPs não máximos são apresentados e discutidos em Costa e Duarte (2001).

5. Conclusões.

A análise proposta é compatível com os seguintes resultados:

a) A estrutura da frase pode ser minimizada (Barbosa 2000, Costa 1998a, Duarte 1996, 1997, Grimshaw 1991, Gonçalves 2000, Martins 2000, Thrainsson 1996, entre outros).

b) Não é necessário assumir categorias funcionais relacionadas com a estrutura discursiva para dar conta das leituras de tópico e foco (Duarte 1996, Costa 1996, 2000, Frota 1994, 1999). Em particular, o foco contrastivo pode ser interpretado em posições que não se situam na periferia esquerda. Assim, nas representações propostas acima, as interpretações de foco contrastivo resultam de uma relação operador-variável. Adicionalmente, se o foco contrastivo estivesse associado à periferia esquerda, deveriam ser possíveis frases com advérbios frásicos em posições clivadas, o que não acontece, como mostram os exemplos em (52):

- (52) a. *Foi provavelmente que o João comeu o bolo.
 b. *Provavelmente foi como o João comeu o bolo.
 c. *Como o João comeu o bolo foi provavelmente.
 d. *Provavelmente é que o João comeu o bolo.
 e. *O João comeu o bolo foi provavelmente.

b) As construções clivadas fornecem um argumento para a diferença clássica entre especificadores e adjuntos (Costa 1999). Os especificadores podem ser o primeiro elemento de um constituinte clivado (ver 53), enquanto os advérbios não

podem (ver 54), o que sugere que devam ser classificados como adjuntos, contra Cinque (1999).

- (53) a. Foi o João ir à praia que a Maria achou estranho.
 b. Foi quem ele tinha visto o que a Maria perguntou ao Pedro.
 (54) a. *Foi ontem ler o livro o que o João fez.
 b. *Foi simpaticamente dar o livro à Maria o que o João fez.

d. A análise fornece uma explicação para a diferença entre PE, PE e as restantes línguas românicas:

- A ausência de clivadas não-Q em catalão e espanhol explica-se por nestas línguas as estratégias de clivagem estarem restringidas a orações relativas livres.
- As possibilidades de pseudo-clivadas básicas e invertidas deve-se ao facto a estrutura subjacente conter uma oração relativa livre.
- A ocorrência de pseudo-clivadas invertidas de *é que* só é possível em línguas em que a reanálise de V+C tenha ocorrido.
- A ocorrência de semi-pseudo-clivadas está restringida a línguas que admitam objecto nulo.

Bibliografia:

- Ambar, M. 1992. *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Colibri
- Ambar, M. 1999. Aspects of the syntax of focus in Portuguese. In G. Rebuschi e L. Tuller (orgs) *The Grammar of Focus*. Amsterdam, John Benjamins
- Barbosa, P. 1998. On inversion in wh-questions in romance. A publicar em A. Hulk e J-Y Pollock (orgs) *Romance Inversion*. New York: Oxford University Press
- Barbosa, P. 2000. Clitics: a window into the null subject property. In J. Costa (org.) *Portuguese Syntax. New comparative studies*. Oxford University Press
- Boškovič, Z. 1997. *The Syntax of Nonfinite Complementation. An Economy Approach*. Camb., Mass.: The MIT Press.
- Bosque, Ignacio e Violeta Demonte (eds.). 1999. *Gramática descriptiva de la lengua española*. Madrid. Real Academia Española / Espasa Calpe
- Cardinaletti, A & M. T. Guasti, orgs. 1995. *Syntax and Semantics. Small Clauses*. Volume 28. San Diego: Academic Press.
- Casteleiro, J. M. 1979. Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com “é que”. *Boletim de Filologia*, XXV
- Chomsky, N. 1995. *The Minimalist Program*. Camb., Mass.: The MIT Press.
- Cinque, Guglielmo. 1999. *Adverbs and Functional Heads. A crosslinguistic perspective*. Oxford University Press
- Collins, C. 1991. Pseudocleft and Cleft Constructions: a Thematic and Informational Interpretation. *Linguistics*, 29:3
- Collins, C. 1997. *Local Economy*. Camb., Mass.: The MIT Press.
- Costa, J. 1996. Focus in situ: evidence from Portuguese. In *Probus* (no prelo)

- Costa, J. 1997. Scrambling in European Portuguese. In *SCIL 8*. MIT Working Papers in Linguistics
- Costa, J. 1998. *Word Order Variation. A Constraint-Based Approach*. Haia: HIL.
- Costa, J. 1998a. Projecções funcionais em Teoria da Optimidade. In *Actas do Encontro da APL, Aveiro, APL/Colibri*
- Costa, J. 1999. Adverbs as adjuncts to non-universal functional categories. In *Potsdam Working Papers in Linguistics* (no prelo)
- Costa, J. 2000. *Multiple focus in European Portuguese: apparent optionality and subject positions*. Comunicação apresentada ao Workshop on Topic and Focus in Romance, Universidade de Utrecht
- Costa, J. e I. Duarte. *Objectos nulos em debate*. ms, Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Lisboa
- Duarte, Inês. 1996. *A Topicalização em Português Europeu: uma análise comparativa*. In I. Duarte and I. Leiria (eds) *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisbon:APL/Colibri
- Duarte, Inês. 1997. Ordem de Palavras: Sintaxe e Estrutura Discursiva. In Brito, Oliveira, Pires de Lima & Martelo, orgs, *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras.
- Duarte, I. 2000. *Interrogativas-Q em Português Europeu e Português Brasileiro*. Comunicação apresentada ao Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil. Évora, 8-13 Maio
- Frascarelli, M. 2000. *Cleft Constituents as Small Clause Heads: A New Proposal*. Comunicação apresentada ao XXVI Incontro di Grammatica Generativa, Roma, Março 2000.
- Frota, S. 1999. *Prosody and focus in European Portuguese*. Diss. de doutoramento, Universidade de Lisboa
- Gonçalves, Anabela. 2000. *Predicados verbais complexos em contextos de infinitivo não preposicionado em português europeu*. Doctoral dissertation, Universidade de Lisboa
- Grimshaw, Jane. 1991. *Extended Projections*. ms, Brandeis University
- Heycock, C. & A. Kroch. 1999. Pseudocleft Connectedness: Implications for the LF Interface Level. *Linguistic Inquiry*, 30: 3.
- Huang, J. 1982. *Logical relations in Chinese and the theory of grammar*. PhD diss, MIT
- Huang, J. 1984. On the distribution and reference of Empty Pronouns. In *Linguistic Inquiry*
- Kato, M., M. L. Braga, V. Corrêa, M. A. L. Rossi & N. S. Sikanski. 1996. As Construções-Q no Português Brasileiro Falado: Perguntas, Clivadas e Relativas. In Koch, org, *Gramática do Português Falado. Volume VI: Desenvolvimentos*. Campinas: Editora da UNICAMP
- Kato, M. e E. Raposo. 1996. European and Brazilian Portuguese word order: question, focus and topic constructions. In C. Parodi et alii (orgs) *Aspects of Romance Linguistics*. Washington: Georgetown University Press: 267-277
- Kiss, É. K. 1998. Identificational Focus versus Information Focus. *Language*, 74.
- Lasnik, H. & M. Saito. 1992. *Move α . Conditions on its Application and Output*. Camb., Mass.: The MIT Press
- Martins, A. M. 2000. A minimalist approach to clitic climbing. In J. Costa (org.) *Portuguese Syntax. New comparative studies*. Oxford University Press
- Modesto, M. 1995. *As construções clivadas no PB: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo

- Moro, A. 1997. *The Raising of Predicates*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Raposo, E. 1986. On the null object construction in European Portuguese. In O. Jaeggli e C. Silva-Corvalán (orgs) *Studies in romance Linguistics*. Dordrecht: Foris
- Renzi, L. (org) (1988) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Vol I. Bolonha: Il Mulino.
- Renzi, L. e G. Salvi (orgs) (1991) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*. Vol II. Bolonha: Il Mulino.
- Rothstein, S. 1995. Small Clauses and Copular Constructions. In Cardinaletti & Guasti, orgs.
- Smits, R. J. C. 1989. *The Relative and Cleft Constructions of the Germanic and Romance Languages*. Dordrecht: Foris
- Thráinsson, H. 1996. *On the (Non-)Universality of Functional Categories*. In Abraham et al. (eds) Minimal Ideas. Amsterdam, Philadelphia: John Benjamins